

---

Maria José Rizzi Henriques\*  
Rosemeiri Custódio da Silva\*\*  
Francismar Formentão\*\*\*

---

---

**VOZES ANARQUISTAS NA CULTURA  
CONTEMPORÂNEA:  
UM ESTUDO BAKHTINIANO**

---

**RESUMO:** O presente artigo, fundamentado na filosofia da linguagem do teórico russo Mikhail Bakhtin, considera as relações entre homem e sociedade de natureza interindividual, dialógica e ideológica. Considerando a dialética do signo como efeito das estruturas sociais, analisamos os discursos dos movimentos punk e anarquista, com o objetivo de apresentar as relações dialógicas presentes na pluralidade contemporânea. Nesta, suas interconexões revelam-se como importante produto semiótico-discursivo que clarifica a ação responsável e participativa de sujeitos situados no mundo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Bakhtin; Movimento punk; Movimento anarquista.

**SUMMARY:** The present article based on the philosophy of the language of the Russian theoretician Mikhail Bakhtin considers the relations between man and society of dialogue and ideological nature. Considering the dialectic of the sign as effect of the social structures, we analyze the speeches of the movements punk and anarchist with the objective to present the dialogue relations gifts in the plurality contemporary. In this, its interconnections show as important semioptics-discourse product that clarify the responsible and communicator action of situated citizens in the world.

**KEYWORDS:** Bakhtin; Punk movement; Anarchist movement.

---

Data de recebimento: 31/10/06. Data de aceite para publicação: 04/04/07.

\* Doutora em Educação. Docente na Unioeste - Campus de Cascavel. Endereço eletrônico: zeze-henriques@hotmail.com.

\*\* Mestre em Letras pela Unioeste - Campus de Cascavel.

\*\*\* Aluno do Curso de Mestrado em Letras. Unioeste - Campus de Cascavel.

## 1. INTRODUÇÃO

Os fundamentos do teórico russo Mikhail Bakhtin (1895-1975) consideram que a consciência humana surge e se afirma como realidade mediante a encarnação material em signos. Nessa perspectiva, analisamos o discurso do movimento punk em sua interação com o movimento anarquista para apresentar as relações dialógicas presentes na pluralidade da cultura contemporânea.

Mikhail Bakhtin, ao abordar os domínios das ciências humanas à luz da produção de sentidos na linguagem, propõe, nos estudos da filosofia da linguagem ou da semiótica-discursiva, analisar a dialética do signo como efeito das estruturas sociais.

Para o autor, todo discurso, toda relação em sociedade acontece no processo interindividual, em que diferentes segmentos instauram diferentes valorações correspondentes ao nível axiológico no qual estão inseridos. Para Mikhail Bakhtin, é entre as correlações da base material (infraestrutura) e da base jurídico-política (superestrutura) que o universo valorativo e o universo dos signos é forjado. Desse modo, cada segmento social produzirá um universo ideológico/semiótico correspondente ao seu nível sócio-econômico e, por sua vez, ao seu nível político-ideológico.

No decorrer desse processo, os segmentos sociais que compartilham valorações no processo interativo organizarão as comunidades semióticas: grupos reunidos em torno dos mesmos signos e dos mesmos índices axiológicos expressos na comunicação. Os segmentos que divergirem axiologicamente instauram no circuito da comunicação os grupos ou comunidades em confronto, em oposição.

Para uma compreensão semiótico-discursiva das relações em sociedade “a ideologia é o sistema sempre atual de representação de mundo construído, a partir de referências constituídas nas interações e nas trocas simbólicas desenvolvidas por determinados grupos sociais organizados” (MIOTELLO. In: BRAIT, 2005, p.176). Partindo do processo de interação no qual o ser significa comunicar-se, Mikhail Bakhtin centra sua proposta teórica no dialogismo e na alteridade, para ele, princípios constitutivos da linguagem e efeito de sentido do discurso (BARROS, 2003).

---

<sup>1</sup> Cena é a cultura punk em ação, designa o ambiente que os integrantes dessa cultura circulam. Compreende as casas onde acontecem os shows, as lojas que vendem os discos punks, as distros que distribuem material punk e, principalmente, os próprios punks.

Para uma concepção dialógica das relações entre homem e sociedade, “o sujeito é uma função das forças sociais”; o eu absoluto é confrontado por uma diversidade de vozes que engendram um sujeito histórico e ideológico, forjado “pela função do outro social” (MIOTELLO. In: BRAIT, 2005, p.175). O dialogismo constitui-se através da interação verbal, “o ponto de intersecção de muitos diálogos, o cruzamento de vozes oriundas de práticas de linguagem socialmente diversificadas e polifonicamente tecidas por fios ideológicos” (BARROS. In: BARROS; FIORIN, 2003, p.4). Sustentado no princípio dialógico, o sujeito só adquire sentido e existência na interação com o outro. Eu “só me torno eu entre outros eus”; a interligação do eu à alteridade confere às consciências/identidades e à própria totalidade social o descentramento constitutivo do ser, o eterno vir-a-ser que fundamenta a filosofia de Bakhtin (SOBRAL. In: Brait, 2005, p.22).

Na discursividade do movimento punk, “vozes diversas ecoam nos signos e neles coexistem contradições ideológico-sociais entre o passado e o presente, entre os vários grupos do presente, entre os futuros possíveis e contraditórios”. Dentre estas vozes, especificamos a relação semiótico-axiológica entre o movimento punk e o movimento anarquista (MIOTELLO. In: BRAIT, 2005, p.172).

Os ‘ismos’, liberalismo, comunismo, socialismo, anarquismo e regimes totalitários como o nazismo alemão e o fascismo italiano ergueram-se no centro da arena ideológica, promovendo um embate no processo de formação da cultura contemporânea. Promoveram discussões sobre um novo tipo de Estado regido por uma constituição, com um novo conceito de liberdade e cidadania, de direitos do homem, e de novas formas de exercício do poder. A expansão do Estado liberal, a implantação de uma democracia representativa e a formação de um Estado de Bem-Estar Social caracterizaram o advento do século XX, atravessado por guerras mundiais, conflitos regionais, crises econômicas, revoluções de massa e genocídios forjados no cerne de um modelo social substanciado no valor mercantil (HOBSBAWM, 1982).

Considerando que o desenvolvimento evolutivo do homem é o desenvolvimento das forças materiais de produção, o modo-de-produção capitalista instituído pela burguesia alterou profundamente o caráter das relações sociais. A arena ideológica formada entre burgueses e proletários divulgou para as outras partes do mundo uma onda contestatória ainda mais intensa pelo aceleração da produção sob a ótica do capital e pela autonomia proletária frente à voracidade desse processo de acumulação com intensos debates em torno das desigualdades sociais.

Clarificado o horizonte social que compreende o universo ideológico dos movimentos punk e anarquista do século XX, consideramos que “compreender um signo consiste em aproximar o signo apreendido de outros signos já conhecidos”, o que nos remete ao dialogismo presente no material semiótico punk com alguns dos principais valores divulgados pela proposta político-filosófica do anarquismo. Visto que o movimento punk veicula, no circuito interativo, signos que refletem a contradição dos valores estabelecidos pela sociedade capitalista, localizamos no cerne de seu material semiótico um intenso movimento de vozes sociais que expressam a existência da vertente político-libertária do anarquismo (BAKHTIN, 1995, p.33-34).

Sob a perspectiva bakhtiniana, analisamos o processo de identificação relacionado ao movimento da história em seu devir; assim, todo posicionamento parte e se direciona para a incompletude. Desse modo, “em todo discurso são percebidas vozes, as vezes infinitamente distantes, anônimas, quase impessoais, quase imperceptíveis, assim como as vozes próximas que ecoam simultaneamente no momento da fala” (BRAIT. In: BARROS; FIORIN, 2003, p.14).

A comunidade semiótica punk apresenta inúmeras vozes sociais em constante embate que se manifestarão em seus discursos. Podemos citar, por exemplo, no contexto da cultura capitalista a burguesia, o Estado, a mídia, o mercado, o consumo, a tecnologia e a produção industrial. No âmbito das políticas totalitárias, o militarismo, o nazismo, o neonazismo, o fascismo, o comunismo stalinista, os governos ditatoriais e o nacionalismo. Em relação ao ser humano e a suas relações em sociedade, os valores libertários, a democracia, a humanidade, a civilização, o governo, a auto-gestão, o cooperativismo e a autonomia individual.

Para este estudo, nos definimos pela abordagem da relação dialógica entre o movimento punk e o movimento anarquista, especificamente dos signos e das valorações que ambos compartilham no processo de interação da cultura contemporânea: o espírito libertário diante do processo homogeneizador da política capitalista.

## **2. MOVIMENTO PUNK E ANARQUISMO**

O movimento punk tem sido divulgado tanto no espaço acadêmico quanto na mídia informativa como a expressão contestatória da política vigente da década de 1976/1977 na Inglaterra. Reunindo uma grande

parcela de jovens filhos de operários e desempregados, o movimento punk, conhecido mundialmente na história do rock, instaurou-se no circuito comunicativo como um movimento de oposição através de bandas como os Sex Pistols, The Clash e Ramones. Essas bandas divulgaram no mundo músicas com letras de denúncia e combate aos valores capitalistas expressos no mercado consumista, na desigualdade econômico-social e na crise político-econômica mundial. Nas palavras de Bakhtin (1995, p.16)., ocorre que:

O signo e a situação social estão indissolúvelmente ligados. Ora, todo signo é ideológico. Os sistemas semióticos servem para exprimir a ideologia e são, portanto, modelados por ela. A palavra é o signo ideológico por excelência; ela registra as menores variações das relações sociais, mas isso não vale somente para os sistemas ideológicos constituídos, já que ideologia do cotidiano, que se exprime na vida corrente, é o cadinho onde se formam e se renovam as ideologias constituídas.

O enunciado mais conhecido da cultura punk desde as décadas de 70 e 80 é o “do it yourself”, que caracteriza seu direcionamento à autonomia diante da tecnologia e do modelo de produção e consumo da lógica capitalista. Para o indivíduo punk, cada um pode confeccionar suas roupas, seus acessórios: “Prefiro recolher fragmentos pelas calçadas e manguear um retroz de linha nas barracas da esquina. Quando atravesso a Santos Andrade e chego à esquina do bondinho, costuro minha face entre partes e desenlaces, encontro minha realidade na margem da sociedade” (Poesia do movimento punk de Curitiba, 2005). O enunciado *do it yourself* expressa a resistência aos padrões vigentes no “sistema de produção capitalista”, no qual “a relação entre a produção da mercadoria e seu produtor, submete de fora o homem a uma metamorfose que o reduz a coisa, a objeto do processo, a mero reproduzidor de papéis” (BEZERRA. In: BRAIT, 2005, p.192).

Para Mikhail Bakhtin, enunciado/enunciação regem os estudos em torno da linguagem, pois esta, sendo concebida de um ponto de vista histórico, cultural e social, revela as contradições de um determinado contexto, de uma determinada situação, assim como seus sujeitos e suas produções discursivas. Vendo-se do outro lado do progresso prometido pelo capitalismo, o enunciado do movimento punk “minha vida está fora dos trilhos, todas as estradas levam a nada, meu pulso sente, meu olho escuta os passos perdidos na sombra abrupta, a decomposição, os filhos da puta” responde, no circuito cultural, ao nível econômico-social no qual seus integrantes estão inseridos (Poesia do movimento punk de Curitiba, 2004).

O enunciado é o produto final da interação dos índices de valor contraditórios, concentrando os signos produzidos dentro de uma situação social específica. A enunciação, ou o processo enunciativo, vai agregar todo o contexto histórico e social em que determinados signos serão eleitos para compor o enunciado final. Desse modo, a enunciação ou, o processo em que se produz o enunciado concreto está situada:

[...] na fronteira entre a vida e o aspecto verbal do enunciado; ela por assim dizer, bombeia energia de uma situação da vida para o discurso verbal, ela dá a qualquer coisa lingüisticamente estável o seu momento histórico vivo, o seu caráter único. Dessa maneira, o conceito de enunciação está diretamente ligado a enunciado concreto e à interação em que ele se dá: O enunciado concreto nasce, vive e morre no processo da interação social entre os participantes da enunciação. Sua forma e significado são determinados basicamente pela forma e caráter dessa interação” (BRAIT; MELO. In: BRAIT, 2005, p.67-68).

O pressuposto bakhtiniano da alteridade é que “tenho de passar pela consciência do outro para me constituir”; por esse princípio, a enunciação/enunciado é fruto direto da interação entre o(s) eu(s) e o(s) outro(s). Através dessa interação, nos constituímos em comunidades semióticas devido às valorações que estabelecemos no processo de comunicação, bem como somos conceituados, definidos e até estigmatizados pelo outro divergente ao nós axiológico.

Para a alteridade divergente, o movimento punk era visto como um fenômeno desviante não poderia ser aceito como natural, mas, sim, como algo nocivo a ser combatido pela ordem moral da cultura instituída. Percebemos o confronto estabelecido entre as duas comunidades semióticas divergentes, no enunciado punk:

Somos seu dano, seu erro, seu engano, sabemos do espanto que te causamos. Você não sabe, porém que dos teus quadros, dos teus modelos exclusivos e da tua futilidade que cresce a olhos vistos, crio toda a minha cultura que chamas de impura. Entre os seus recitais e livros clássicos, recolho impressões escrevo os meus panfletos, teço minhas memórias e meus desejos (Poesia do movimento punk de Curitiba, 2005).

No decorrer desse processo de interação ininterrupto, o punk, no confronto que estabelece com a cultura capitalista, agrega, em torno de sua comunidade, os segmentos colocados à margem da sociedade, solidarizando-se com todos que são vítima da sociedade capitalista:

Você que dorme ao relento, que mendiga nas valas, que vende seu corpo entre o neon das esquinas esburacadas, você que negocia no mercado negro o sustento do seu rebento, você que conhece o cárcere, o golpe e a mortandade, é meu irmão, é meu parceiro, é como eu, mais um entre tantos perdidos no purgatório do desassossego (Poesia do movimento punk de Curitiba, 2005).

Defendendo a abolição do Estado e de qualquer hierarquia que possa manter a autoridade sobre os indivíduos, o movimento punk em toda a sua trajetória histórica expressa na pluralidade signíca uma estreita relação com as perspectivas libertárias do movimento anarquista. Craig O'hara, em *A filosofia do punk*, mais do que barulho (2005), sublinha que os punks, antes de qualquer ideologia, são anarquistas por combaterem ativamente qualquer forma de capitalismo e comunismo, sendo primordial a liberdade individual frente a toda autoridade oficial. O anarco-punk é a vertente que segue à risca os propósitos anarquistas: o *Profane Existence*, o maior fanzine punk da América do Norte veicula músicas, poesias e notícias sob o ponto de vista anarquista. Também a cena<sup>1</sup> européia apresenta um número elevado de fanzines e bandas anarquistas, tornando os punks europeus cada vez mais envolvidos com a política do movimento anarquista de Mikhail Bakhtin.

Mesmo que em algumas expressões do movimento punk as vozes anarquistas sejam predominantes, deve-se levar em consideração o contexto histórico-social e cultural ao qual determinadas enunciações do movimento punk estão sendo formadas. O movimento punk em seu dialogismo inclui os anarco-punk (adeptos do anarquismo político), os punks de rua (libertários em suas valorações, mas contrários ao anarquismo político) e os hards-core (vertente punk expressa pelo estilo anti-musical). No entanto, todas compartilham de um mesmo conteúdo axiológico em seus enunciados, a postura libertária decorrente da visão político-ideológica anarquista: “todo governo é indesejável e desnecessário. Não existem serviços fornecidos pelo Estado que a própria comunidade não possa fornecer. Não precisamos de ninguém para nos dizer o que fazer, tentando controlar nossas vidas, nos atormentando com impostos, regras, regulamentos e vivendo à custa de nosso trabalho” (PROFANE EXISTENCE. In: O'HARA, 2005, p.73).

O enunciado e as peculiaridades de sua enunciação integram “o processo interativo, ou seja, o verbal e o não verbal” que fundamentam a produção de sentido do discurso e da própria interação semiótica (BRAIT; MELO. In: BRAIT, 2005, p.67). Considerando que “uma linguagem é sempre uma imagem criada pelo ponto de vista de uma

outra linguagem”, o diálogo existente entre o movimento punk e o movimento anarquista integra as características de cada comunidade. Assim, suas valorações se polemizam, se completam, conversam entre si, e nas vertentes que vão se formando, vemos intrínsecas as vozes de um e de outro (MACHADO. In: BRAIT, 2005, p.161).

A palavra anarchos em grego etimologicamente refere-se a uma sociedade sem governo, sem autoridade, sem superiores. Para os anarquistas, a implantação de uma força superior sobre o povo desestabiliza qualquer referencial voltado à diversidade, à diferença, pois homogeneiza o direito natural à pluralidade elementar entre homens e mulheres, elementar à própria contradição constitutiva da totalidade social. Segundo o anarquismo, toda imposição censura a capacidade de se auto-gerir do indivíduo, promovendo a desigualdade e o conflito. Portanto, o caos e a desordem para os anarquistas são decorrentes do Estado e de suas leis que transgridem a ordem natural, alienando a sociedade, ao passo que cada sujeito delega seus problemas a terceiros qualificados pelo aparelho burocrático estatal.

Historicamente, o anarquismo pode ser caracterizado por quatro vertentes anárquicas: 1) o anarquismo individualista de Max Stirner (1806-1856), totalmente contrário aos valores aceitos pela sociedade burguesa: políticos, morais e culturais; defende a libertação total do indivíduo dos elos da sociedade organizada, acreditando que a liberação objetivada, antes de ser coletiva e material, deve ser individual e mental; 2) o anarquismo mutualista de caráter não político que se desenvolveu na França, tendo como seu maior divulgador Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865), propôs o associativismo e o cooperativismo como fontes de organização econômica sem exploração (associações operárias com um banco comum de crédito gratuito); 3) o anarquismo coletivista de Mikhail Bakunin (1814-1816) que defende a revolução feita pela ação espontânea e contínua das massas populares, pregando a necessidade de expropriação revolucionária imediata de toda a propriedade pelos trabalhadores; para reorganizar a sociedade e a produção com bases libertárias, os coletivistas defendiam as organizações operárias e a substituição do Estado por uma federação composta por associações autônomas; 4) o anarquismo comunista, ou comunismo-anárquico divulgado por Piotr Alexeevich Kropotkin (1842-1921) que reivindica a abolição de todo sistema de salários e preços para um controle sustentado pela comuna popular, sendo os meios de produção e os próprios bens produzidos de propriedade comum.

Dentre estas quatro vertentes, o anarquismo abrange desde teorias políticas a movimentos sociais que advogam a abolição do Estado

como autoridade gestora das instituições sociais. Para os anarquistas, o termo anarquia significa ausência de coerção, e não ausência de ordem, sendo sua proposta direcionada para a liberdade do indivíduo, com um modelo de sociedade sem governo, sem autoridade e sem superiores.

No que se refere à organização do movimento punk, constatamos através de pesquisa de campo que a vertente do anarquismo individualista assemelha-se ao comportamento político-social dos punks de rua. Em contrapartida, as vertentes do anarquismo mutualista, do anarquismo coletivista, do anarquismo comunista e do movimento anarco-sindicalista detêm semelhanças na postura político-social da vertente anarco-punk. A linha hardcore transita pelos dois extremos do movimento punk.

No que se refere aos signos, o movimento punk compartilha de importantes signos do movimento anarquista, como o A circulado, a bandeira negra e a bandeira vermelha, ou a cor negra e a cor vermelha em si.

Durante os movimentos contestatórios na França ou nas manifestações do movimento operário, a cor negra demonstrava o desgosto, a tristeza e a revolta. Usada pelos integrantes da Comuna de Paris em julho de 1830, refletia o descontentamento e o rechaçamento da ordem política dominante. Unida aos enunciados trabalho ou morte, os operários protestavam contra seus patrões; ao expressarem sua revolta, estendiam a bandeira negra com o discurso: viver trabalhando ou morrer combatendo. Em 21 de novembro de 1830, revoltosos tomaram as ruas de Lyon sendo cruelmente massacrados; a partir de então, passaram a incluir em sua bandeira negra um crânio.

Por volta de 1880, anarquistas adotaram nomes associados com a cor negra; em julho de 1881, a Internacional Negra foi fundada em Londres numa tentativa de reorganizar o pensamento anarquista em função da dissolução da Primeira Internacional. Em outubro de 1881, um encontro em Chicago trouxe a bandeira negra para a Associação Internacional do Povo Trabalhador (International Working People's Association) que estava sendo formada na América do Norte; também conhecida como Internacional Negra (Black International), filiou-se à organização londrina.

A essas duas conferências, seguiu-se a manifestação de Louise Michel (1833-1905) participante da Comuna de Paris em 1871. De acordo com o historiador anarquista George Woodcock (1912-1997), Michel carregava a bandeira negra em 9 de março de 1883 durante as manifestações de desempregados em Paris. Michel guiou 500 pessoas

pelas ruas parisienses exigindo pão e trabalho ao povo. A adoção anarquista da bandeira negra como signo do movimento anarquista na década de 1880 reflete a revolta, a indignação e o desespero, tendo sido empunhada durante todos os levantes populares na Europa como um sinal de não submissão e não rendimento.

*O guerrilheiro e revolucionário Emiliano Zapata (1879-1919), no movimento revolucionário mexicano (1910), também usou a bandeira negra com o enunciado Tierra y Libertad. Em 1925, anarquistas japoneses formaram a Jovem Liga Negra e o jornal denominado Kurohata, ou bandeira negra, que divulgava suas idéias.*

Para Bakunin, o progresso real das sociedades viria com a negação de um ponto inicial, criador, responsável por gerir o desenvolvimento de todo indivíduo e de toda relação. Esse ponto inicial especificado por Bakunin como sendo o Estado, Deus, ou o modelo de família patriarcal, o pai e assim por diante, anularia a autonomia, o discernimento e a capacidade natural de todo homem de se auto-gerir, pois o homem, sendo responsável por si, contribuiria em cooperativismo com a sociedade em geral. A bandeira, negra ao negar todas as outras bandeiras, apresenta uma valoração de anulação a qualquer superioridade.

Constatamos o dialogismo entre as cores vermelha e preta do movimento punk com o anarquismo, significando toda devoção às batalhas, à morte e aos sacrifícios em prol da esperada vitória contra os regimes estatais:

Sou o último anjo negro a lavar as calçadas de sangue com minhas lágrimas salgadas [...], sou o céu negro, sou a lama, sou a graxa e o desespero. Sou o amargo, sou o fel e o estilhaço na face do algóz envenenado. Sou o tudo e o nada, sou mais nada que o tudo, por isso do nada, recolho minhas cinzas e elevo minha marcha para gravar sobre o dourado da burguesia, o sangue vermelho e negro da causa socialista-libertária (Poesia do movimento punk de Curitiba, 2006).

O dialogismo entre as cores vermelha e preta forja a própria identidade de resistência, tanto quanto a revolta contra as valorações da alteridade opositora, bem como, a rebelião a qualquer entidade sobrenatural que reflita autoridade sobre o indivíduo:

Minha face pintada de preto revela a dor e a angústia entrelaçada às costuras da minha roupa escura. Trago no punho esquerdo um lenço vermelho amarrado, olho no espelho e marco lágrimas

vermelhas a escorrer pelos meus lábios. Ando pra lá e pra cá, sem sossego, sem rumo e por um caminho cheio de defeitos, me apontam, mas não me olham, me censuram, mas não me suportam, me criticam, mas não me ouvem, como sinto ódio desses inúteis filhos do homem (Poesia do movimento de punk de Curitiba, 2006).

Para o anarquismo, o negro é a negação da nacionalidade que coloca a raça humana contra si mesma; é o reflexo da fome, da miséria e da morte dos trabalhadores; é, ao mesmo tempo, a expressão de raiva e tristeza. É o grito de revolta contra todos os crimes, contra a humanidade em nome de eleitos pelo estado. Sendo a cor da determinação, da resolução e da força, concebe a morte em batalha pela liberdade como gloriosa; para o anarquista, o negro é o desabrochar de uma nova vida e de novos relacionamentos interativos (WOODCOCK, 1983).

O negro no movimento punk expressa a insubordinação aos apelos da cultura consumista; revela toda a angústia, dor, frustração e revolta diante do quadro caótico dos grandes centros urbanos. Os punks vestem-se com trajes negros para designar tanto a morte dos valores dominantes quanto as batalhas a serem travadas em prol da autonomia dos indivíduos e a destruição de todo e qualquer vínculo institucional. A perspectiva punk no future é signo da aversão do movimento pelo planejamento do futuro, por soluções de transformação social e anúncio da desesperança frente ao amanhã. Assim, o movimento punk prefere o hoje, o presente, o momento, a cena e o confronto a alteridade divergente.

A bandeira vermelha também faz parte da simbologia anarquista. Ela aparece principalmente em conjunto com a cor negra, que, historicamente, vem associada ao sangue e ao luto ocasionado pelas rebeliões da classe operária. É signo presente na vertente anarco-sindicalista, no socialismo libertário e nas primeiras manifestações anarquistas partidárias do socialismo marxista antes da divergência ocorrida na Primeira Internacional Trabalhista.

Com o comunismo stalinista implantado na Rússia, a bandeira vermelha tornou-se signo do autoritarismo ditatorial estatal. No entanto, como importante signo da luta de classes, junto com o negro, conclama todos os adeptos de uma sociedade sem governo e sem superiores a combaterem em memória dos que derramaram seu sangue pela conquista da liberdade.

No universo semiótico da cultura punk, o vermelho e o negro estão presentes em suas faces pintadas e nos adereços do vestuário,

opondo-se à estética corporal e vestual vigente.

Outro importante dialogismo presente no movimento punk e no movimento anarquista que tem como signo a bandeira negra tem como referência a pirataria. Os piratas foram personagens fundamentais nos primórdios do capitalismo, e no auge do desenvolvimento mercantilista. Assombraram os navios britânicos, americanos e franceses, saqueando o produto mercantil de suas viagens e distribuindo os saques entre os seus. Esse confronto aberto entre os piratas e os Estados nacionais dos séculos XV e XVI revela-se no circuito interativo como os primeiros movimentos de contestação à lógica cultural do capitalismo.

No contexto histórico-social dos séculos XV e XVI, todo pirata era visto como rebelde e como um espírito livre e desgarrado; portanto, potencialmente um fora da lei. Para os navios atacados pelos piratas, a bandeira negra era um símbolo de morte; a caveira e os ossos sobre um fundo negro equivaliam ao comando: renda-se ou morra! Isso provocava pavor em suas vítimas, fazendo-as submeter-se sem lutar.

Assinalamos, ainda, o dialogismo entre o A circulado do movimento punk e o A circulado do movimento anarquista, tido como única fonte para a sociedade alcançar a concórdia social.

Quando a cidade dorme, outro sol se ergue, o sol dos marginais, dos mendigos, das prostitutas e das crianças açoitadas pela dor, pela fome e pela desventura. É o sol da liberdade que acalmando a barriga vazia nos ensina a dormir e a nos preparar para continuar a batalha pelo sol que reflete um A no centro de um círculo pirata (Poesia do movimento punk de Curitiba, 2006).

Concordando com o ideal de que indivíduos livres organizam-se melhor em associações igualitárias voltadas ao exercício de funções que objetivem o bem comum da coletividade, os anarquistas concebem que, enquanto houver um homem e uma mulher subjugada, não poderá haver equilíbrio. Desse modo, o círculo do A refere ao O de ordem: ordem e anarquia, ambos interdependentes pelo objetivo de alcançar a concórdia social. O A circulado em síntese apresenta à essência a qual a sociedade deve-se direcionar: a liberdade como ordem.

A letra A circulada é grafada pelo movimento punk nos muros das cidades, nos viadutos, nos postes, nas paredes de bancos, nas roupas e em suas faces para veicular sua posição ideológica. No movimento anarquista, o A circulado teve destaque ao representar a explicação de Proudhon sobre o termo anarquia: Anarquia é Ordem. Para os anarquistas, o círculo é o signo da unidade e da determinação que traz

em si a auto-proclamação da idéia da solidariedade anarquista internacional.

Historicamente, o movimento punk sempre participou ativamente de todas as manifestações que reivindicassem o direito do indivíduo perante a instituição, compartilhando da insígnia do A circulado no que se refere à solidariedade em torno dos ideais de liberdade e autonomia. Em correlação com o anti-autoritarismo anarquista, a valoração punk compreende que ser governado corresponde a ser vigiado:

Vejo tuas manobras para me aprisionar. Ouço teus movimentos. Esgueiro-me entre os becos. Esquivo-me do teu olhar. Me caça, me invade e me maltrata com sua insolente presença ingrata. Não tenho dia, não tenho noite, não tenho lugares, não tenho saudades, sem que Tu estejas a me policiar. Mesmo assim, persisto e sobrevivo para que no espaço do seu açoite sobre minhas costas em carne, eu possa em um golpe ligeiro lançar meus pés sobre sua face e enfim, cuspir meu grito de liberdade (Poesia punk do movimento de Curitiba, 2005).

No cerne do movimento anarquista, conjuga-se a premissa bakuniana da posição materialista das relações entre homem e sociedade: “sim, os fatos têm primazia sobre as idéias, o ideal nada mais é do que uma flor, cujas condições materiais de existência constituem a raiz” (BAKUNIN, 1988, p.VII).

Desse modo, ao conceber que a “constituição da consciência e a construção do mundo [...] se dão situadamente na sociedade e na história”, o movimento anarquista e o movimento punk reúnem em sua rebelião signos que historicamente expressam toda a contestação ao Estado capitalista (SOBRAL. In: BRAIT, 2005, p.107).

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Defensores de que cada comunidade e cada indivíduo tem direito à autonomia e à liberdade, os valores anarquistas refletem o antiautoritarismo que prega a repulsa total a qualquer tipo de hierarquia; o humanismo, rejeitando a hipótese de que o Estado seja necessário para o desenvolvimento da sociedade humana; a não delegação de solução de problemas a terceiros, rejeitando a mediação por políticos e/ou pelo Estado; o apoio mútuo que é a crença no princípio da solidariedade; e a ausência de normas no convívio social, idéia que

confunde o anarquismo com caos e desordem. Os anarquistas defendem que os governos são as reais fontes de desordem pela desigualdade que promovem na gestão da sociedade.

O movimento punk, independentemente da peculiaridade de suas vertentes, utiliza os mesmos valores sógnicos do anarquismo e neles fundamenta seu discurso libertário. O dialogismo presente entre o movimento punk e o movimento anarquista é claramente demonstrado pela semiótica-discursiva de Mikhail Bakhtin na concreticidade do seu processo de enunciação/enunciado. Os signos do movimento anarquista permanecem vivos na dinâmica dos enunciados punks, revelando que instauram dialogica e axiologicamente no circuito da comunicação a unidade temporal entre o passado e o presente.

Em nosso contexto histórico específico, ao analisarmos os signos da cultura punk em correlação com os signos do movimento anarquista, compreendemos que ambos os movimentos se apresentam como importante produto semiótico-discursivo que clarifica a ação responsável e participativa de sujeitos situados no mundo.

#### 4. REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendell. **Cenas juvenis** – punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo: Scritta, 1994.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1995.

BEZERRA, Paulo. Polifonia. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo, Contexto. 2005.

BRAIT, Beth; MELO, Rosineide de. “Enunciado/enunciado concreto/enunciação”. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo, Contexto. 2005.

BRAIT, Beth. “As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso”. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (Orgs.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**. São Paulo: Edusp, 2003.

COSTA, Caio Túlio. **O que é o anarquismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

HOBSBAWM, Eric. **A era dos impérios**. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1988.

MACHADO, Irene. “Gêneros discursivos”. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo, Contexto. 2005.

MIOTELLO, Valdemir. “Ideologia”. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo, Contexto. 2005.

O’HARA, Craig. **A filosofia do punk**: mais do que barulho. São Paulo: Radical Livros, 2005.

SOBRAL, Adail. “Filosofias (e filosofia) em Bakhtin”. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo, Contexto. 2005.

WOODCOCK, George. **Anarquismo**: uma história das idéias e movimentos libertários. Porto Alegre: L&PM Editores, 1983.

**V A R I A**  
**S C I E N T I A**

Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

REVISTA VARIA SCIENTIA

Versão eletrônica disponível na internet:

[www.unioeste.br/saber](http://www.unioeste.br/saber)